

CLOVIS MOURA, ENGAJAMENTO, ESCRITA E CRÍTICA LITERÁRIA¹

José Maria Vieira de Andrade²

RESUMO:

Tendo em vista algumas formas de discutir o pensamento racial, oferecidas por novas perspectivas de análise que surgiram no campo dos estudos culturais nos últimos anos, visualizamos, por meio deste trabalho, a possibilidade de realização de um estudo do pensamento racial no Brasil, na segunda metade do século XX. Para tanto, escolhemos como pretexto para essa reflexão o nome de Clovis de Assis Moura (1925-2003), sujeito dono de uma vasta produção bibliográfica sobre o negro e as questões raciais no processo de formação da sociedade brasileira e que transitou pelos mais diversos campos de atuação no meio intelectual do país. Neste trabalho, colocaremos em discussão uma das facetas deste intelectual que, até o momento, foi pouco discutida pelos críticos e estudiosos de sua obra. Trata-se dos registros que apontam para a inserção de Clovis Moura no universo da crítica literária, campo de reflexão para o qual destinou uma parte significativa de seus trabalhos e, em torno da qual, acreditamos ser possível encontrar elementos significativos para repensar o papel que sua produção e atuação desempenhou no universo das transformações culturais que ocorreram no país, nas últimas décadas do século XX. Especificamente concentraremos nossa atenção em alguns textos publicados pelo autor no decorrer da década de 1980, momento em que a trajetória intelectual de Moura passa por algumas mudanças significativas, que nos permitem repensar alguns enquadramentos consagrados, até o momento, em torno do escritor e de sua obra, enquanto intelectual “marginal” ou “anti-acadêmico”.

PALAVRAS-CHAVE: Clovis Moura, Escrita Militante, Crítica Literária

ABSTRACT:

Taking into consideration some ways to discuss the racial thought, offered by new perspectives of analysis that have emerged in the field of cultural studies in recent years, we see, through this work, the possibility of conducting a study of racial thought in Brazil in the second half of the twentieth century. Therefore, we chose as a pretext for this reflection the name of Clovis de Assis Moura (1925-2003), subject owns a vast bibliographic production on the black and the racial issues in the formation of Brazilian society and that passed through the most diverse fields of experience in the intellectual circles of the country. In this test, we put in discussion one facet of this intellectual who, to date, been little discussed by critics and scholars of his work. These are the records that point to the inclusion of Clovis Moura in the world of literary criticism, reflection field to which allocated a significant part of their work, and around which, we believe it is possible to find significant elements to rethink the role production and performance played in the universe of cultural transformations that occurred in the country in the last decades of the twentieth century. Specifically we will focus on some texts published by the author during the 1980s, a time when the intellectual history of Moura undergoes some significant changes that allow us to rethink some established frameworks, so far, about the writer and his work as an intellectual "marginal" or "anti-academic".

KEYWORDS: Clovis Moura, Militant Writing, Literary Criticism

A década de 1980 representa um momento bem particular na história intelectual de Clovis Moura³. Primeiro pela grande quantidade de textos que conseguiu publicar a partir do período, dando continuidade a retomada de sua atuação acadêmica iniciada ainda nos anos de 1970. Segundo, pela maior proximidade que o referido escritor conseguiu estabelecer, na década, com os círculos intelectuais acadêmicos. Nesse período, ele recebe o título de “*Doutor honoris saber*” pela Universidade de São Paulo e passa a fazer parte de várias bancas

1 O texto corresponde a um ensaio, desenvolvido com base nos resultados parciais de nosso estudo de doutorado, sobre a trajetória intelectual de Clovis Moura, iniciado em 2014.

2 Prof. da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Grajaú, e doutorando em História pela UFC. E-mail: zemarvi@yahoo.com.br

³ Clovis Moura é natural da cidade de Amarante-PI, e é dono de uma vasta produção intelectual sobre a história e formação social do Brasil, tendo as questões raciais como uma de suas principais problemáticas de estudo, desenvolvidos ao longo da segunda metade do século XX, até sua morte em dezembro de 2003.

de pós-graduação, seja pela instituição, seja por outras universidades do sudeste do país. Neste momento também consegue ampliar o seu círculo intelectual de convívio, que passa a incorporar nomes brasileiros e estrangeiros.

De forma semelhante, procurou manter-se mais próximo de algumas entidades militantes, seja daquelas voltadas para as questões raciais (o MNU e a UNEGRO), seja como colaborador e simpatizante do PC do B. Junto a este último, uma de suas formas de colaboração foi a publicação de vários artigos na *Revista Princípios*, periódico de esquerda, criado no início dos anos 1980, publicado através da editora Anita Garibaldi Ltda. De acordo com o texto de apresentação do primeiro editorial da revista – constituído em sua maioria por nomes que assim como Moura fizeram parte da dissidência comunista do PCB, nos anos cinquenta – a *Princípios* editava, assim, seu primeiro número com o propósito de “[...] satisfazer uma necessidade premente das forças sociais progressistas da nossa sociedade, tendo em vista elucidar problemas, aprofundar conhecimento das causas e efeito dos males que afetam a vida do povo do país.”⁴

Os temas discutidos na revistas giravam em torno de várias questões relacionadas ao Marxismo e aos problemas políticos do momento, no Brasil ou em países da Europa, especialmente na Rússia, ou mesmo na África, conforme ressaltava o texto de apresentação da sua primeira edição:

PRINCÍPIOS tem grande programa a realizar. O presente número dedica alguns espaços a questões econômicas. Seu objetivo porém é tratar permanentemente do assunto, ligado em especial com a crise que se alastra em todos os países capitalistas e revisionistas, provocando gigantescos transtornos na sociedade e enormes sacrifícios aos trabalhadores da cidade e do campo.⁵

O editorial afirma que haveria, no período, espaço também para as questões relacionadas ao estímulo do estudo dos “Clássicos” da teoria e pensamento ligados aos princípios do Marxismo-leninismo, como um guia para a ação e criação. Igualmente, a revista abria espaço ainda para questões relativas à História, à crítica literária e artística e ao folclore e outros temas “de valor cultural” que pudessem contribuir para “elevar o conhecimento “vorás” da nossa realidade e revelar “novas perspectivas” ao progresso social, às transformações que a sociedade está a exigir. Tudo focalizado, evidentemente, à luz e à “concepção do mundo” da

4 Apresentação. In: *Princípios: revista teórica, política e de informação*. São Paulo, Março de 1981. p.3.

5 Op. Cit., p.4.

classe operária”⁶.

Ao longo da década de 1980, Clovis Moura chegou a colaborar com a revista por meio de vários textos. Alguns voltados diretamente para o campo da crítica literária e outros discutindo a questão da sociologia acadêmica. Enveredando pelo campo da crítica literária, o primeiro trabalho de Clovis Moura publicado na *Princípios* foi um texto sobre o literato Lima Barreto, com um artigo intitulado *Lima Barreto e a militância literária*. Neste artigo, Moura procura fazer uma homenagem ao centenário de nascimento do referido escritor, tecendo uma análise sobre aquilo que para ele seria um dos aspectos mais relevantes de Lima Barreto: a capacidade de criação de uma “linguagem nova” e conteúdo social de seus romances. Nas palavras de Clovis Moura, a proposta do seu texto é fazer uma análise dessa obra, de seu “situacionamento como escritor”, da importância de seus livros e da contribuição que teria dado à “nossa cultura”, ao conseguir por meio de sua experiência literária uma “articulação unitária homem escritor”.

No decorrer do artigo, Moura ressalta que teria sido no campo da linguagem onde poderíamos encontrar um dos pontos principais da contribuição de Lima Barreto à literatura. E, colocando-se em contraposição aos críticos que afirmaram, outrora, que essa particularidade de Lima Barreto seria advinda de uma menor capacidade dele de adestramento como escritor ou pelo seu suposto domínio insuficiente da língua, Moura afirmava que Lima era o exemplo de “posição consciente” em relação à realidade brasileira⁷

Nesse sentido, mas do que fazer uma breve homenagem, a perspectiva de análise adotada por Clovis Moura, no artigo, segue num viés revisionista em relação a uma dada tradição que teria construído uma interpretação em torno de Lima Barreto, de modo que ele fosse preterido em comparação com outros literatos da época, a exemplo de Machado de Assis. Na perspectiva de Moura, Lima Barreto seria acima de tudo um intelectual incompreendido. Ao revisar uma parte de sua produção literária, afirma Moura, “vemos a consciência de um escritor que colocava seu instrumental de comunicação a serviço de um pensamento e não de um formalismo literário fruto da moda ou ocasião”⁸.

Em atenção a um contexto histórico brasileiro marcado, na visão de Moura, por uma forte dinamismo nas mais diferentes esferas do universo político e econômico, Lima Barreto teria sido capaz de expressar por meio de seus registros literários sua inquietação e indignação frente aos rumos que a crise da economia escravista oferecia ao país, e, em especial, à

6 Id. *Ibidem*. p.5.

7 MOURA, Clovis de Assis S. Lima Barreto e a militância literária. In: *Princípios*, junho de 1981. p.42.

8 Op. Cit., p. 43.

sociedade do Rio de Janeiro.

É nesse período de transformação urbana que Lima Barreto toma consciência do mundo. E, com a sua sensibilidade, procura encontrar a maneira e articular em forma de linguagem literária, todos aqueles elementos novos de falar e de agir, pensar e atuar que surgiam. A genialidade de Lima Barreto está justamente em ser o escritor que, situando-se como artista no centro deste universo dinâmico e contraditório, conseguiu a síntese magnífica de representá-lo usando a linguagem literária organicamente adequada a esse dinamismo.

Isto, porém, foi pouco compreendido até hoje.

Mesmo alguns críticos que se dizem compreensivistas em relação à obra de Lima Barreto não escapam a essa incompreensão.⁹

Em contraposição a esse lugar construído por alguns outros críticos, Moura procura retomar a “genialidade” de Lima Barreto fazendo uso de várias citações e referências à produção do literato, enfatizando em vários momentos a ligação que essa produção mantém com as questões sociais do Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX.

Em meio a essas apreciações, Moura não se constrange de, em certos momentos, parecer meio anacrônico, sobretudo quando avalia no artigo a relação de Lima Barreto com a questão racial. Tendo por base as reflexões do literato nos *Diários Íntimos*, conclui Clovis Moura sobre o peso da questão racial na literatura de Lima Barreto:

Escrevia [Lima Barreto], por isso, no seu Diário Íntimo: “É triste não ser branco”, com isto revelando (e denunciando) todas as barreiras sociais e raciais que uma falsa **democracia racial** estabeleceu contra a comunidade negra no Brasil.¹⁰

Porém, esse aparente anacronismo presente nas apreciações de Clovis, sobre o aspecto social da literatura de Lima Barreto, prende-se menos a um possível desrespeito à particularidade do tempo em que ele escreveu e publicou seus textos do que ao patente esforço de Moura em tentar demonstrar a atualidade de problemáticas colocadas pelo literato em suas crônicas e romances, procurando evidenciar acima de tudo que “as circunstâncias que ela [essa literatura] cala e frente as quais compôs a sua voz e personagem continuam de pé”¹¹.

Clovis Moura estaria interessado, assim, naquilo que Mário Higa classifica como sendo uma concepção de mundo expressa por Lima Barreto que teria se mostrado como

9 Id. Ibem.

10 Id. ibidem. p.47.

11 Expressão que tomamos de empréstimo a Roberto Schwartz, ao pensar sobre a atualidade histórica da linguagem de Machado de Assis. Sobre essa discussão cf. SCHWARTZ, R. Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Editora 34, 2000. p.9-10.

bastante problematizadora para a sociedade não apenas do século XIX, mas também para boa parte do século XX: o caráter “combativo e moralizador da literatura”. Conforme ressalta o próprio Higa, para Lima Barreto o escritor ao se defrontar com a História precisava “cumprir seu destino: agastar, incomodar, afrontar toda hipocrisia, mediocridade, ambição arrivista; ou, sob outra perspectiva, nunca silenciar, tergiversar ou cooptar diante do poder dos poderosos”¹².

No esforço de recuperar os fragmentos desta concepção de mundo, Moura, em sequência, aponta vários outros exemplos que ajudariam a recompor a imagem intelectual de Lima Barreto, de modo que, ele pudesse ser visto como um escritor engajado e comprometido com os problemas sociais do período em que viveu. E, para concluir, ressalta mais uma vez Moura:

Lima Barreto, conforme tentemos mostrar no início deste artigo, procurava uma linguagem dinâmica e inusitada para projetar o seu pensamento e isto levou a que muitos críticos desavisados vissem nisto um desleixo de forma ou incapacidade estilística. Mas, ele, ao incorporar a rítmica do falar de nosso povo à sua linguagem, não desarticulou o seu estilo, mas articulou uma linguagem literária nova para expressar um pensamento também novo. Tudo isto ele o fazia inconscientemente, pois como disse no artigo que escreveu apresentando a revista Floreal de forma enfática: “Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer, com a mais ampla liberdade de fazê-lo.”¹³

A análise dos registros dessa produção nos permite repensar alguns aspectos sobre da experiência intelectual de Moura, nesse período, particularmente frente à questão do papel da intelectualidade no âmbito da atuação política e cultural. Neste sentido a retomada da experiência literária de Lima Barreto é colocada como exemplo de militância literária engajada que Moura defendia que deveria ser assumida por seus contemporâneos. Principalmente aqueles que enveredavam pelo campo da produção literária.

Ao se inserir nesse meio de atuação e produção, caberia ao intelectual negro assumir o mesmo espírito combativo que deveria ser assumido na militância política e social contra o racismo. E Moura não defendia essa forma “engajada” de fazer literário sozinho. Ao contrário, trata-se de um postura marcante no meio literário da segunda metade do século XX, pensar os liames e possibilidade que uma “literatura negra” poderia oferecer às letras nacionais, enquanto fator de transformação social e estético.

Nesse período, houve a organização de alguns espaços literários específicos

12 HIGA, Mário. Lima Barreto: Antologia de crônicas. São Paulo: Lazuli Editora; Companhia Nacional, 2010, p.11.

13 Op. cit., p.48.

destinadas ao incentivo e/ou a servir de meio alternativo para os “literatos negros” terem sua produção literária publicada e reconhecida, bem como fazer frente à “literatura canônica” que “negligenciou” a importância do “negro” na cultura nacional.

Durante sua trajetória intelectual, Moura já havia chamado atenção para essas questões, de modo bem específico, em um livro publicado na década de 1970. E, no recorte temporal em questão, além dos textos publicados na princípios o autor vai enveredar nesta ceara de discussão por meio de outras iniciativas. Entre elas, chegou a fazer parte das mesas de debates de uma das edições da Bienal Nestlé de literatura Brasileira, organizado pela Fundação Cultural Nestlé, entre 1985 e 1986, evento que reuniu em torno de si, vários nomes de destaque na época do universo crítico literário nacional¹⁴.

A participação de Clovis Moura ocorreu na terceira edição do evento que teve seu respectivo livro de ensaios, contendo o conteúdo das palestras e debates ocorridas durante os seminários, publicado logo em seguida. Nesta edição do evento, Moura participou como debatedor no seminário sobre O negro na literatura brasileira, na mesa constituída por Dúlio Gomes (coordenador), Leon Gilson Ribeiro (expositor), Abelardo Rodrigues e Octávio Ianni (interventores junto com ele). No debate sobre a questão proposta, a primeira fala, então, foi a de Leon Gilson Ribeiro que ficou encarregado de colocar o tema em questão, situando historicamente e alencando os pontos centrais de discussão, a ser debatidos com os demais componentes.

Em suas reflexões Ribeiro aponta como fato significativo desse debate a relação que a literatura brasileira teria mantido com a “marginalidade”. Em meio a esse quadro, afirma que quanto ao “negro”, quando ela não ela clandestina, “senha de mensagem entre grupos negros e poetas e escritores negros”, ela é uma literatura feita pela parte *soi disant* branca do Brasil, de uma maneira, ao olhos do expositor, “bastante paternalista”.

Retoma alguns nomes como referenciais dessa trajetória da literatura nacional que não só não problematizaram devidamente essa questão, como teriam contribuído para a instauração de um “racismo como critério literário”, entre os quais estaria nomes como os de Gregório de Matos Guerra, Adolfo Caminha, Coelho Neto, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Jorge de Lima, Manoel Bandeira e Jorge Amado.

Ao final de sua fala, Gilson Ribeiro tenta construir um perspectiva otimista para as perspectivas literárias futuras.

14 Entre os mais conhecidos, estavam envolvidos com o proposta: Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Ruben Braga, Jorge Amado, Mário Quintana, Rachel de Queiroz, dentre outros.

Amanhã, tenho certeza, o negro fará parte decisiva da Literatura Brasileira. Trará à criação nacional toda a brandura e sabedoria que falta aos rígidos gêneros dos brancos desprovidos de fantasia, darão facetas novas da literatura que não se enquadram no museu de formol da literatura cartesiana européia, nati-morta hoje. Afinal, é da África, é da América Latina mestiça que nos vêm hoje as vozes mais importantes da metamorfose que Mallarmé queria: “da vida atuante na sua complexidade quase idecifrável de um poema, de um romance, a vida vista pelo prisma de um indivíduo e transformada naquele material de criação humana perene: o livro”. Seja qual for a sua cor e a sua origem, o negro, quem sabe será amanhã a inovação indispensável e especificamente negra para a Literatura Brasileira e deixará de ser, de certa forma, sinônima com ela. Quem sabe o negro será amanhã a própria Literatura Brasileira, em sua parte decisiva. Assim seja.¹⁵

Na seqüência, ao comentar sobre o mesmo assunto Moura acrescenta apontando a ausência de heróis negros nessa mesma literatura. Para ele questões como essa não acontecem por acaso. Ao contrário, haveria todo um processo de “barragem” que impedia os criadores da Literatura Brasileira se voltarem para o negro e procurarem ver nele aqueles elementos que permitam transformá-lo em herói literário.

Moura enfatiza que “racista” não seria apenas a literatura oficial, “essa literatura dominante”, mas a própria literatura popular”, formada, de acordo com ele, pelo pensamento “dessas elites” que querem o “branqueamento do Brasil”. Cita como o exemplo aqui, a própria literatura de Cordel, que já teve o oportunidade de abordar especificamente em um livro publicado no final dos anos de 1970¹⁶. Para Clovis essa literatura, teria sofrido influência direta e indireta, através de vários meios, deste preconceito das elites que domina o pensamento brasileiro, a exemplo do que aconteceria igualmente como o caso do folclore.

No entanto, além de refletir sobre o “racismo na literatura”, Moura menciona alguns exemplos da militância negra na Imprensa. Cita jornais como a *Voz da raça* e *Clarim da alvorada*, com circulação nas primeiras décadas do século XX. Porém, ressalta: “ninguém considera os poemas, os sonetos e as crônicas publicadas nesses jornais como literatura. São considerados uma sub-literatura que não merece ser estudada”¹⁷. Sobre o período mais recente, aponta o caso das publicações em torno dos Cadernos Negros, como outro exemplo que ilustraria a rejeição dos círculos oficiais em considerar as produções literárias de poetas negros.

Há algum tempo atrás, eu propunha a um grande jornal de São Paulo fazer uma mesa redonda para se discutir essa literatura negra que está surgindo através dos *Cadernos Negros*, essa literatura negra que é vendida de mão e

15 MOURA, Clovis. In: Seminários de Literatura Brasileira. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990, p. 174-5.

16 MOURA, Clovis. O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel – Ed. Resenha Universitária, SP. 1976.

17 Op. cit., p. 181.

mão e não entra no circuito literário. Eles me disseram que isso não interessa, que não quer dizer nada, que não entra na contribuição oficial do que se entende por literatura erudita, por Literatura Brasileira, por literatura que interessa às editoras e à mídia intelectual literária de São Paulo. Então, será que, na formação da Literatura Brasileira, a contribuição do negro foi a mesma em outras áreas de outros aspectos? Por que nós esmagamos e não condieramos a literatura negra? Porque nos achamos que o monopólio do discurso cultural tem que estar nas elites, que se autodenominam de brancas e, com isto, a palavra do negro, da forma como ele sabe e quer se expressar (através dessa descoberta de uma linguagem desarticulada, mas que significa uma forma nova de expressar uma realidade crítica) não é considerada como literatura.¹⁸

Ao final de sua fala (texto), Clovis cita mais dois casos ilustrativos das barreiras que os “circuitos oficiais de literatura” impõe aos literatos negros. O primeiro, seria Oswald de Camargo, exemplo de poeta que têm produção que, quando comparada a outros literatos citados, elogiados e badalados, em todos os sentidos seria “superior” a estes. O outro exemplo seria, mais uma vez, Lima Barreto, combatido e incompreendido por ter “criado uma linguagem de acordo com aquela realidade desestruturada que estava se fornando na sociedade brasileira”. Diante desses exemplos, conclui então Moura:

O monopólio da cultura no Brasil, o monopólio do saber é também o monopólio do poder. [...] é preciso, então, que, na medida que democratizemos essa sociedade, que tenhamos condições de abrir os leques democráticos, não apenas econômicos, sociais e políticos, mas também culturais, nã incorporaremos essa produção da imprensa negra, dessa juventude negra que está escrevendo, que está participando, num processo de renascimento negro. Essa produção precisa ser também considerada, analisada dentro dos padrões que eles criaram, e não através dos padrões que o colonizador criou.¹⁹

Ao observarmos os argumentos que mobilizam esse debate em prol da construção e valorização de uma “literatura negra” no Brasil, percebemos a emergência de alguns pontos de tensão em torno do papel dos intelectuais envolvidos com essa “missão”. Conforme ressalta Edimilson Pereira, os argumentos que sustentam o modelo da “literatura negra” e ou afro-brasileira está entrecortada por alguns paradoxos. Pois, como podemos verificar a partir da análise desses registros da experiência intelectual de Clovis Moura, para se firmar enquanto “literatura”, a produção desses poetas e escritores “negros” precisa fazer ruir o cânone. Em outras palavras, para se fazer valer e, ao mesmo tempo, garantir sua

18 Op. cit., p. 181-2.

19 MOURA, C. Op. Cit. p.183.

“especificidade”, essa escrita necessita colocar em cheque os paradigmas que, não obstante, sustentaria a legitimidade da própria “Literatura brasileira”²⁰.

A escrita de Clovis que trata sobre esta questão também deixa transparecer outros dilemas intelectuais que ajudam a repensar também a sua própria relação com o fazer poético, tendo em vista que ele não só publicou alguns livros de poesia na década de 1960, como continuou a escrever e publicar, isoladamente, outros poemas na década de 1980 e 1990. No entanto, uma olhada rápida em torno dessas produções, nos leva a crer, como teria ressaltado, Fábio Oliveira em sua dissertação, que a questão racial estaria ausente, se não de toda, pelo menos de maior parte dela²¹.

Contudo, ao analisarmos estas questões, observamos que mais importante do que avaliar sobre as “reais” possibilidades de existir a especificidade de uma “literatura negra”, em contraposição à “literatura canônica”, seria, em outra perspectiva, avaliar, como resalta Stuart Hall em um de seus trabalhos mais conhecidos²², sobre que tipo de momento específico é esse que permite a colocação deste confronto. Em outras palavras, devemos tentar entender as particularidades “conjunturais” que estas estratégias políticas e culturais colocam em questão.

De acordo com Hall a especificidade destas questões, por um lado, estão relacionadas com o que parece ser comum às diversas manifestações que envolvem os “povos da diáspora”, que sempre giram em torno de um espaço cultural contraditório. Uma dessas contradições aponta em direção ao forte apego que tanto as manifestações da cultura popular como a militância política e intelectual têm em recorrer à argumentos de natureza essencializante. Uma espécie de essencialização das diferenças, por meio de um discurso que tenta relacionar “as tradições deles versus às nossas”, de forma mutuamente excludente, autônoma e auto-suficiente²³.

Essa maneira de se posicionar frente à problemática das questões raciais, mesmo quando o campo de reflexão está centrado na literatura, dificulta a compreensão de estratégias dialógicas e formas híbridas fundamentais à própria “estética diaspórica”²⁴.

Por outro lado, estes fragmentos da experiência intelectual de Clovis também possibilitam uma releitura das tensões específicas à própria intelectualidade brasileira pós-45,

20 PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra. In: PEREIRA, E. de A.; DAIBER JR, R. (orgs.). Depois, o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana. Juiz de Fora: UFJF, p.319-349.

21 OLIVEIRA, Fábio N. Op. Cit.

22 HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra?. In: Hall, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.317-330.

23 HALL, Stuart. Op. Cit. p.326.

24 Id. Ibidem.

sobretudo no que diz respeito ao esforços de tentar compreender e ditar os rumos que a intelectualidade deveria assumir, frente as forças e anseios de transformação da nação. Tais tensões ficam mais evidentes quando se coloca em questões outros textos de Moura publicados nesse período, a exemplo dos outros artigos escritos para as outras edições da *Princípio*.

Um destes, foi publicado ainda no ano de 1981. E mais uma vez, seu espaço de discussão foi o *Caderno de cultura*. Porém desta vez tomou como objeto de discussão outro nome de referência do cenário literário nacional. Sai Lima Barreto e entra em cena agora a atuação intelectual de Graciliano Ramos e as polêmicas de seu vínculo com o partido comunista.

Diferente do que havia feito sobre Lima Barreto na edição anterior, o artigo de Clovis Moura sobre Graciliano Ramos focaliza apenas a posição intelectual do referido literato e o seu engajamento político. Na oportunidade, a proposta do texto de Moura foi tentar rebater “críticas feitas por liberais e revisionistas” em torno da postura assumida por Ramos no que diz respeito a sua relação com o Partido Comunista. Afirma Moura que:

Muito já foi especulado, por parte de setores desligados da realidade do que foi o comportamento do escritor Graciliano Ramos em relação ao Partido Comunista do Brasil do qua era membro. Muitos disseram que ele tinha apenas uma vinculação simbólica com o mesmo, mas, no fundamental, estava desvinculado da sua proposta política revolucionária. Graciliano Ramos – que eu conheci e com o qual conversei muitas vezes sobre o assunto – era, no entanto, um comunista, certo de que aquela ideologia que ele sabia ser o veículo de libertação da classe operária somente poderia ser transformada em realidade através de um instrumento político que seria o partido.²⁵

E para referendar seu argumento de que Graciliano Ramos não era politicamente um intelectual “anarcóide”, Moura transcreve no mesmo artigo um texto fragmento, com o subtítulo “a opinião de Graciliano”, que traria em seu corpo textual o registro da opinião e pensamento do referido literato acerca da forma de atuação de um partido político revolucionário e sobre o modelo ideal de seu posicionamento político revolucionário para a intelectualidade.

Esta pequena nota introdutória somente tem explicação pelo fato de que iremos, agora, transcrever o documento abaixo no qual, criticando uma posição cética, de intelectual reformista, apresenta, como contrapartida, a proposta do Partido Comunista do Brasil como aquela capaz de transformar a nossa sociedade para formas mais fraternais de convivência humana. Um

25 MOURA, Clovis. Graciliano Ramos... In: *Princípios*. Novembro de 1981, p.30.

texto para análise política de todos aqueles intelectuais que desejam a existência de um movimento e um partido que reflitam e protejam a revolução no Brasil.²⁶

O engajamento de Graciliano Ramos voltou a ser tema discutido por Clovis Moura em outro artigo, publicado na edição de 1983 da *Princípios*. Neste outro texto, intitulado, *Graciliano Ramos e a constituinte*, Moura defende um posicionamento semelhante ao do artigo de 1981 em relação à postura do literato e, na perspectiva mouriana, “militante democrata”. Porém, neste outro texto, Moura toma como referência as mobilizações pela redemocratização no Brasil ocorridas pós-45, momento em que para ele a “intelectualidade democrática” teria tomado uma posição aberta a favor da convocação de uma constituinte livre e soberana. Em meio a essas mobilizações, afirma Moura, que escritores, cientistas, artistas, representantes de todos os setores da “intelectualidade” uniram-se às demais classes e camadas que clamavam e exigiam uma nova Constituição. “À frente deles, estava a intelectualidade comunista que, juntamente com membros das demais tendências políticas, liderava a luta pela convocação de uma constituinte livre e soberana”.²⁷

Por sua vez, Graciliano Ramos também não teria ficado distante disso. Ao contrário, como tentava evidenciar mais uma vez Clovis Moura, no artigo em questão, teria ido a público manifestar seu apoio a luta política que reivindicava uma nova Constituição para o país. Nesse sentido, Moura usa maior parte do espaço destinado a seu artigo para transcrever um dos manifestos que Ramos teria pronunciado em uma de suas manifestações públicas, naquele período. Texto que na acepção do autor do artigo, teria valor não apenas como um registro de um momento histórico do passado, mas que estava antenado com as demandas políticas e intelectuais do processo de redemocratização nos anos de 1980.

Pensar o papel do intelectual foi tema também de outro artigo de Clovis Moura publicado algumas anos mais tarde, mais uma vez na revista *Princípios*. Na ocasião a temática geral em discussão era o papel do sociólogo numa sociedade democrática, por meio do artigo intitulado “Devoremos a esfinge antes que ela nos decifre”. Trata-se de um texto produzido e pronunciado em ocasião da participação de Clovis Moura no II Congresso Nacional de Sociólogos, realizado em Recife, entre 23 e 26 de 1980.

Como uma leitura do próprio título sugere, ao retomar a lendária problemática do enigma da esfinge, a pretensão de Clovis é a de tentar inverter a ortodoxia do esquema que lhe foi apresentado, que pressupunha uma discussão inicial sobre o conceito de democracia,

26 Op. cit., p. 31.

27 MOURA, Clovis. Graciliano Ramos e a constituinte. In: *Princípios*, março de 1983, p.42.

discussão esta que, na concepção do autor seria, apesar de erudita, “certamente estéril”. Invertendo a questão, se propôs a falar primeiramente sobre o que entendia por sociedade democrática, e, conseqüentemente, como funcionariam os mecanismos da democracia. Na seqüência, procurou situar a atuação do sociólogo dentro deste tipo de sociedade, quando ela existir no Brasil, ou como ele [o sociólogo] poderia situar-se para que ela [a sociedade democrática] venha a existir de fato.

Clovis Moura defende neste texto que ao longo da história social brasileira, o Estado “essencialmente” adotou a postura de defender os privilégios; “sempre” teria havido, igualmente, táticas de “peneiramento” para que o povo fosse alijado de participação no processo político emergente. Situação esta, que não teria se alterado nos dias atuais. Ao contrário, afirma que nos dias atuais [ao que escreveu o texto] a questão teria se agravado ainda mais quando comparado com outros momentos do passado.

Em conseqüência, essa situação “conflitante” criaria a necessidade de teóricos para justificar a existências dessas ditaduras. E é exatamente nesse ponto que Moura acredita ser pertinente colocar em questão o papel do sociólogo. Nesse sentido, questiona-se sobre: “De que lado ele se colocaria? Como colaborador de **um corpo de doutrina** [grifo do autor] neofacista, no caso brasileiro, ou ficar ao lado da análise objetiva das leis que transformam as sociedades?”²⁸.

Diante desse impasse, Moura aponta dois tipos colidentes de “praxis” à disposição dos sociólogos. Um da sociologia dinâmico/ radical que age levando em consideração o caráter contraditório da sociedade e que atua sobre aquelas contradições, “proporcionando a possibilidade de elevar o conhecimento, e, ao mesmo tempo, resolver os problemas sociais que nascem dessas contradições”. Do outro lado, teríamos aquilo que o autor classifica como a praxis gradualista da sociologia acadêmica nas suas diversas modalidades, que tem a sua própria essência limitada pelas contradições da sociedade capitalista a qual “serve, quer como conjunto ideológico, quer como conjunto de técnicas empíricas a ser usado pelas classes dominantes”²⁹.

Ao se posicionar mais uma vez contrário a esta última corrente, Moura afirma em seqüência que, usando um conceito positivista de ciência, “para qual toda procura da essência dos fenômenos é metafísica”, esses cientistas sociais comprazem-se em requintes de refinamento, procurando mostrar as alternativas que as classes dominantes têm ante os problemas sociais que se lhes apresentam. E após a realização, esses trabalhos acabariam

28 Op. cit, p.57.

29 Id. ibidem. p.58.

escapando das mãos, sendo transferidos para as mãos de burocratas governamentais o seu aproveitamento. Dessa forma, para Moura os cientistas sociais acadêmicos ficariam “como os ratos que silenciaram, na conhecida anedota, quando se perguntou que iria por o guizo no rabo do gato”³⁰

Há, portanto, um impasse que nos parece insolúvel se esperarmos essa transformação a partir de uma dinâmica crítica e radical da própria sociologia acadêmica e por ela executada. Este impasse gera a necessidade de uma nova sociologia capaz de produzir esta ruptura, superando o dogmatismo acadêmico e apresentando, na sua proposta, não apenas uma nova conceituação, mas, também novas normas de ação. Desta forma a nova sociologia seria a negação hegeliana daquela que se apresenta como científica, ou, em última instância, uma sociologia que unindo a ciência à consciência elaboraria uma praxis revolucionária.³¹

Para concluir, retoma mais uma vez o dilema da esfinge, afirmando que esta foi apropriada, particularmente em seu texto, como uma alegoria da sociologia acadêmica que, em sua acepção, precisava ser “devorada” antes que ela “nos decifre”.

De olho em posicionamentos como esse presente na produção de Clovis Moura, Fábio Nogueira ressalta que embora ele tenha se aproximando mais, nesse período, dos círculos intelectuais acadêmicos, a sua escrita continuou centrada numa postura “anti-acadêmica”. Uma rápida análise desses fragmentos, das passagens de Clovis pela revista *Princípios*, nos impulsiona a corroborar com esta constatação, conforme a leitura do último artigo comentado evidencia com bastante clareza.

Porém, ao nosso olhar, o que mais chama atenção, ao ter contato com esses registros, são algumas ambiguidades que esta escrita coloca em questão, sobretudo em relação à própria posição ambígua que Moura assume frente aos “sociólogos acadêmicos”.

Não obstante, é preciso ressaltar também que, embora ele insista em se colocar sob a condição de intelectual “anti-academico”, não podemos deixar de considerar que, diferentemente de seu posicionamento em outros momentos, a sua crítica ao “acadêmico”, neste registros, assume, em certo sentido, uma conotação diferente daquela defendida em outros momentos de sua trajetória, quando ele ainda batalhava por mais espaços nos círculos intelectuais consagrados. Desta vez sua escrita combativa não se faz no sentido de tentar buscar um lugar num mundo do qual ele estaria excluído. Neste momento específico, a condição de ser um intelectual “acadêmico” se apresenta a Clovis Moura, como apenas uma entre as outras opções disponíveis, que ele, bem como outros intelectuais, poderiam ou, no

30 Id. Ibidem. p.59.

31 Id. Ibidme. p.60.

sua perspectiva, deveriam evitar, ao se assumirem como intelectuais “verdadeiramente” comprometido com a mudança social.

De forma semelhante, é preciso levar em consideração que a crítica de Moura à sociologia da época, não foi uma crítica exclusiva. Conforme ressalta mais uma vez Fábio Oliveira³², a crítica mouriana à sociologia acadêmica encontrou, mesmo entre os sociólogos “profissionais”, vozes que “validaram parte de seu raciocínio. Exemplo disso, seria o caso do trabalho de C. Wright Mills, intitulado a *Imaginação Sociológica*, publicado originalmente no decorrer da década de 1970³³.

Diante disso, fica evidente que pensar sobre o caráter “radical” ou “anti-acadêmico” de seu pensamento, expresso, sobretudo, por meio da sua escrita assumidamente militante, torna-se mais enriquecedora quando tomamos esses “enquadramentos” mais como ponto de partida, do que como ponto de chegada. Ao nosso ver, seguindo essa perspectiva não só acreditamos ser possível encontrarmos outros elementos para compreender as particularidades histórica de sua experiência intelectual, bem como das especificidades do momento histórico que a possibilitou.

Uma parte dessas particularidades estariam relacionadas com a própria forma ambígua que diferentes formas de militância intelectual estabeleceram entre si no período. Mais do que um momento em que se deveira dar combate à “sociologia acadêmica” ou a uma literatura “canônica”, esses diálogos traduzem também tentativas de convivência comum ou ou anseios de legitimação dos espaços que haviam conquistado até então. A fala de Moura, sugere uma leitura combativa, e conflituosa dessas articulações. Mas não podemos deixar de observar também que ela deixa transparecer um cenário de articulação, vínculos e trocas diversas, que se organizam de maneira complexa. Intercâmbios dos quais o próprio Clovis Moura, com seus trânsitos e por meio de sua escrita igualmente transitiva, se constituiu como um dos principais protagonistas.

Referências:

Fontes:

Princípios, revista de teoria, política e de informação. Editora Anita Garibaldi. (Edições mar., jun. E nov.1981; Edição de mar.1983; Edição de mar.1987; jan.fev.2004.)

32 OLIVEIRA, F. N. Op. Cit. p.118.

33 MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

Seminários de Literatura Brasileira. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

Bibliográficas:

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34/ Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra?. In: Hall, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.317-330.

MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira. *Clovis Moura e a sociologia da práxis*. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro, 2009.

SANZONE, Livio. Negritude sem etnicidade: o local e global nas relações raciais e na produção cultura negra no Brasil. Salvador/ Rio de Janeiro: Palmas, 2007.

SOUZA, Gustavo Orsolon de. **“Rebeliões da Senzala”:** diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro. 2013, 143p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013.

SCHWARTZ, R. Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Editora 34, 2000.

HIGA, Mário. Lima Barreto: Antologia de crônicas. São Paulo: Lazuli Editora; Companhia Nacional, 2010.